

Funcionário faz história

“Eu estava trabalhando na composição do Diário do Congresso, na sexta-feira, 13 de dezembro de 1968, e logo vi que o jornal tão cedo não ia circular. Entramos na noite negra da ditadura, com o AI-5, e nós, gráficos do Cegraf, esperamos a reabertura do Congresso pondo em dia a impressão dos Anais do Senado, que estavam atrasados. Eu me lembro de ter composto debates ainda da República Velha”.

Miguel Arcanjo Batista, o Miguelzinho, conta esta e outras histórias do Cegraf quando puxa da memória seus 41 anos de profissão, iniciados, coincidentemente, num dia 7 de fevereiro, Dia do Gráfico. Nascido no Rio Grande do Norte, há 57 anos, **Miguelzinho** começou a trabalhar na gráfica do Senado em 1963, como linotipista, e hoje é assistente da Diretoria Industrial. Durante estes anos, acompanhou a evolução do parque gráfico e da política nacional, duas de suas paixões.

“Em 1968, ganhamos uma rotativa nova e 12 linotipos, o que era uma revolução, mas o Congresso foi fechado. Anos depois, imprimindo em separatas os discursos de Nelson Carneiro, Franco Montoro, Paulo Brossard e outros resis-



Nelson: dribble na censura

tentes, o Cegraf conseguiu dar divulgação àquilo que estava proibido na grande imprensa. O histórico trabalho destes senadores manteve acesa a luz da resistência e gerou o movimento que desagouou na Assembléia Constituinte”.

A Constituinte deu muito trabalho para os funcionários do Cegraf. “Havia muita participação popular”, conta **Miguelzinho**. “Tudo devia ter milhares de cópias impressas para ser discutido pela sociedade civil. E a sociedade tomou gosto por este debate: acredito que agora, no Emenção, ou na revisão constitucional, prevista para 1993, vamos ter que imprimir ainda mais textos, com muito mais participação do povo, para que o Brasil consiga vencer as suas limitações. No que depender de mim e do Cegraf, vamos nos esforçar para que dê tudo certo”, finaliza.